

modo formal / material

foro» (os dois nomes referem Vénus). Mesmo assim, a única conclusão inevitável do argumento de Frege é a de que a análise dos nomes exige algo mais do que a análise da sua referência. De qualquer forma, a distinção entre *Sinn* e *Bedeutung* tem inspirado proveitosamente a maior parte da filosofia da linguagem contemporânea. *Ver também* SENTIDO/REFERÊNCIA. SFB

Frege, G. 1892. On Sense and Reference. In P. Geach e M. Black, orgs., *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*. Oxford: Blackwell, 1952.

modo formal / material A distinção entre um modo formal e um modo material de falar acerca de algo foi pela primeira vez introduzida, nestes termos, pelo lógico e filósofo alemão Rudolph Carnap; e corresponde, aproximadamente, à distinção USO/MENÇÃO.

Falar no modo formal é falar, numa certa linguagem, acerca de itens linguísticos (palavras, expressões, ou frases pertencentes a uma linguagem — aquela ou outra) e atribuir-lhes determinadas propriedades apropriadas (por exemplo, propriedades ortográficas ou semânticas). Assim, as seguintes afirmações são exemplos de afirmações feitas no modo formal: 1) «Roma» é o nome de uma bela cidade; 2) «Vermelho» tem três sílabas; 3) «A neve é branca» é uma frase verdadeira.

Aqui, a linguagem na qual as afirmações são feitas, a METALINGUAGEM, coincide com a linguagem à qual pertencem os itens linguísticos acerca dos quais se está a falar, a LINGUAGEM OBJECTO: trata-se da língua portuguesa em ambos os casos; mas isso pode não acontecer, tal como é ilustrado pela seguinte afirmação: 1) «A neve é branca» is a true Portuguese sentence.

Em suma, no modo formal, menciona-se um item linguístico, usando-se para tal uma designação (por exemplo, uma citação) ou uma descrição do item linguístico em questão, e predica-se dele uma certa característica.

Por outro lado, falar no modo material é falar, numa certa linguagem, acerca de itens extralinguísticos (por exemplo, objectos referi-

dos por palavras ou expressões pertencentes a essa linguagem) e atribuir-lhes determinadas propriedades apropriadas. Assim, as seguintes afirmações, as quais são paralelas às afirmações 1, 2, e 3, são exemplos de afirmações executadas no modo material: «Roma é uma bela cidade», «Vermelho é uma cor», «A neve é branca».

Em suma, no modo material, menciona-se um item extralinguístico (usando-se para tal uma palavra ou expressão que designe o item extralinguístico em questão) e predica-se dele uma certa característica.

Por vezes, afirmações feitas no modo material são tomadas como equivalentes, num determinado sentido, a certas afirmações correspondentes feitas no modo formal. Por exemplo, alguns filósofos (por exemplo, Carnap) considerariam as seguintes afirmações equivalentes: 5) A classe dos seres humanos e a classe dos bípedes sem penas são idênticas; 5') Os predicados «é um ser humano» e «é um bípede sem penas» são co-extensionais.

Transita-se aqui do modo material de falar acerca de um certo par de classes e de uma certa relação entre elas (a identidade) para o modo formal de falar acerca de um certo par de predicados monádicos, os quais têm aquelas classes como suas extensões, e de uma certa relação entre eles (a co-extensionalidade). E o mesmo poderia ser dito acerca da seguinte transição do modo material de falar acerca de uma propriedade para o modo formal de falar acerca de um predicado que a exprime: 6) A propriedade de ser sábio é exemplificada por Sócrates; 6') O predicado «é sábio» aplica-se a Sócrates.

Naturalmente, um filósofo que seja céptico em relação à existência de universais como propriedades, por exemplo, alguém com fortes inclinações nominalistas, poderia rejeitar qualquer equivalência entre 6 e 6' e preferir o modo formal utilizado nesta última. *Ver também* USO/MENÇÃO, METALINGUAGEM. JB

modo *Ver* SILOGISMO.

modus ponendo tollens Princípio válido de inferência que estabelece que, dadas como